

**RAQUEL DINIS & FRANCISCO SOUSA**

raquel.jj.dinis@uac.pt; francisco.jr.sousa@uac.pt

**NICA-UAC, CIEC-UM E UNIVERSIDADE DOS AÇORES, PORTUGAL |**

**CICS.NOVA.UAC, CIEC-UM E UNIVERSIDADE DOS AÇORES, PORTUGAL**

## **NOVE ILHAS, SESENTA E OITO PROFESSORES: DESAFIOS NA CONCEÇÃO E GESTÃO DE UMA OFICINA DE FORMAÇÃO EM *B-LEARNING***

### **RESUMO**

A área curricular de História, Geografia e Cultura dos Açores (HGCA) começou a ser lecionada no 2.º ciclo do ensino básico em 2016/17 e no 3.º ciclo em 2017/18. A equipa que elaborou as orientações curriculares para esta nova área também concebeu e implementou uma oficina de formação dos primeiros professores responsáveis pela sua leção. A edição dedicada à leção no 3.º ciclo do ensino básico (8.º ano de escolaridade) decorreu em 2017/18 e foi frequentada por 68 professores, de escolas dispersas pelas nove ilhas dos Açores. Esta dispersão geográfica impeliu os promotores da oficina a adotarem um formato de *b-learning*. A componente online decorreu ao longo da maior parte do ano letivo e foi suportada por um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) criado na plataforma Moodle. Face à reduzida experiência da entidade formadora em *e-learning* e *b-learning*, a implementação desta oficina merece ser estudada, visando a construção de conhecimento que possa ser mobilizado no desenvolvimento de outros AVA. Neste enquadramento, definimos o seguinte objetivo geral: avaliar a satisfação dos formandos relativamente ao AVA que suportou a componente online da oficina de formação de professores de HGCA. Esta avaliação de satisfação incidiu, sobretudo, nos seguintes aspetos do AVA: usabilidade, agrado visual, adequação dos processos de comunicação.

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online, ao qual responderam 63 formandos. Os dados obtidos revelam um grau de satisfação bastante elevado em relação ao AVA, em todos os aspetos considerados. Além disso, evidenciam algumas necessidades de melhoria na gestão da comunicação, sobretudo no que diz respeito à rapidez do feedback e à diferenciação dos destinatários de mensagens que não sejam fundamentais para todo o grupo. Estes resultados são encorajadores, considerando a importância que a formação a distância pode assumir uma região arquipelágica.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*b-learning*; ambientes virtuais de aprendizagem; formação de professores; comunicação pedagógica

## 1. INTRODUÇÃO

O arquipélago dos Açores é composto por nove ilhas, sendo a maior São Miguel – 745,8 km<sup>2</sup> de superfície, cerca de 140.000 habitantes – e a mais pequena o Corvo – 17,2 km<sup>2</sup> de superfície, cerca de 450 habitantes.

Os Açores são, desde 1976, uma Região Autónoma (à semelhança da Madeira), dotada de estatuto político-administrativo e órgãos de governo próprios. Neste enquadramento, aos órgãos de Governo Regional são reconhecidas competências para, em harmonia com o quadro legislativo nacional, legislar sobre diversas matérias, incluindo matéria educativa. A necessidade de resposta adequada às especificidades desta Região Autónoma, insular e ultraperiférica, tem sido invocada para justificar a existência de um Sistema Educativo Regional (SER), que vai sendo, até certo ponto, diferenciado em relação ao sistema educativo nacional, mediante a publicação de diplomas legais próprios, que têm sempre em conta a legislação nacional.

Na consolidação do SER da Região Autónoma dos Açores (RAA) – definido como “o conjunto de meios existentes na Região pelo qual se concretiza o direito à educação” (Decreto Legislativo Regional n.º 35/2006/A, artigo 3.º, alínea a) –, destacamos, como marco decisivo, o trabalho iniciado em 2001 na criação de um currículo regional, entendido como “o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos que se fundamentam nas características geográficas, económicas, sociais, culturais e político-administrativas dos Açores”, como explicita o Decreto Legislativo Regional n.º 15/2001/A (artigo 2.º, n.º 1), que é a primeira peça legislativa a referir explicitamente o conceito de currículo regional. Ao longo das duas décadas seguintes, novas iniciativas foram contribuindo para o desenvolvimento do referido currículo regional, tendo prevalecido uma perspetiva transversal, assente no desenvolvimento de competências essenciais e específicas por área disciplinar (Alonso & Sousa, 2013; Sousa, 2007, 2014), numa lógica de adaptação do currículo nacional, sem criação de quaisquer disciplinas ou áreas curriculares específicas da Região.

Contudo, em 2014 assistimos à criação de uma nova disciplina, designada por História Geografia e Cultura dos Açores (HGCA), direcionada aos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico (n.ºs 1 e 2 do artigo 44.º do Decreto Legislativo Regional n.º 2/2014/A, de 29 de janeiro). Na justificação desta iniciativa, é novamente invocada a especificidade histórica, geográfica, económica, social, cultural e político-administrativa dos Açores.

Assim, o Decreto Legislativo Regional n.º 2/2014/A refere-se a uma disciplina própria, como evidencia este excerto:

Com o objetivo de promover a realização de aprendizagens e a aquisição de competências que permitam a plena perceção e conhecimento da especificidade histórica, geográfica, económica, social, cultural e político-administrativa da Região Autónoma dos Açores, será adicionada às matrizes curriculares dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, a partir do ano letivo 2014/2015, a disciplina de História, Geografia e Cultura dos Açores. (Artigo 44.º, n.º 1)

Além disso, o Decreto em análise refere-se à articulação da disciplina de HGCA com o currículo nacional:

A abordagem da açorianidade, prevista no número anterior, será desenvolvida no contexto da Lei de Bases do Sistema Educativo, respeitando plenamente os princípios orientadores do currículo nacional e as competências e aprendizagens essenciais estabelecidas a nível nacional para cada ciclo básico (n.º 2 do artigo 44.º).

Também em 2014, foi nomeada, através do Despacho n.º 1311/2014, uma Comissão Científica e Pedagógica. Esta Comissão elaborou um vasto conjunto de orientações de natureza curricular e metodológica para a lecionação de HGCA. Além disso, produziu recomendações no sentido de se assegurar formação adequada aos docentes da RAA neste particular.

Em 2016, por decisão do Governo Regional, os conteúdos de HGCA acabaram por ser integrados na área curricular não disciplinar de Cidadania, no 2.º e no 3.º ciclos do ensino básico. Determinou-se, mais especificamente, que a área curricular de HGCA começaria a ser lecionada no espaço curricular de Cidadania do 6.º ano de escolaridade em 2016/17 e no espaço curricular de Cidadania do 8.º ano de escolaridade em 2017/18.

Nesta matéria, foi também decidido que o arranque da lecionação desta área nas escolas e a formação dos docentes decorreriam em simultâneo. Nas orientações curriculares e programas da área, tanto no caso do 2.º ciclo do ensino básico (SREC, 2016) como no caso do 3.º ciclo do ensino básico (SREC, 2017), assume-se que esta formação, a desenvolver “ao longo do período de implementação da área de História, Geografia e Cultura dos Açores”, visa “a atualização científica dos docentes envolvidos e, entre outros objetivos, explicitar os conteúdos estruturantes das orientações desta área, aliada a um trabalho de reflexão, de produção e de partilha de recursos pedagógicos a explorar em contexto letivo”. Assim, em 2016/17 teve lugar a primeira edição de uma oficina de formação contínua de docentes de HGCA e em 2017/18 teve lugar a segunda edição. A primeira edição

foi dedicada à lecionação de HGCA no 2.º ciclo do ensino básico; a segunda edição foi dedicada à lecionação de HGCA no 3.º ciclo do ensino básico.

O presente trabalho oferece uma análise e reflexão sobre a nossa experiência na concepção e gestão da 2.ª edição da oficina de formação em HGCA, oferecida a docentes do 3.º ciclo do ensino básico, 8.º ano de escolaridade, em 2017/18.

## **2. O ENQUADRAMENTO DA OFERTA FORMATIVA NA MODALIDADE DE OFICINA E EM REGIME DE *B-LEARNING***

A organização desta oferta formativa reuniu uma equipa multidisciplinar de sete especialistas, doutorados, docentes e investigadores na Universidade dos Açores (UAc), nas áreas de Educação (com particular incidência nos domínios do desenvolvimento curricular e do *e-learning*), História, Geografia e Biologia.

A discussão sobre a modalidade e o regime de formação a adotar, iniciada em 2016, aquando da organização da formação a docentes do 2.º ciclo do ensino básico (Dinis, Porteiro, Costa & Gregório, 2018), foi retomada em 2017. A dispersão geográfica dos formandos pelas nove ilhas do arquipélago e o propósito de apoio e acompanhamento sistemático (ao longo do ano letivo) às práticas letivas em HGCA exigem uma continuada reflexão sobre uma estratégia formativa adequada. Neste particular, a experiência positiva vivenciada na primeira edição da oficina (Dinis et al., 2018) reforçou a opção pela modalidade de oficina de formação e pela oferta formativa em regime de *b-Learning*, uma abordagem mista ao Ensino a Distância, que combina formação online e formação presencial (Cação & Dias, 2003).

Assim, esta oficina contemplou um total de 131,5 horas, sendo 49 delas destinadas a duas sessões presenciais (uma no início e outra no final da ação de formação), 15 dedicadas ao trabalho online e 67,5 reservadas ao trabalho autónomo dos formandos. A componente de formação a distância foi desenvolvida através de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), alojado na plataforma Moodle da UAc. A concepção deste AVA seguiu uma metodologia inspirada em princípios de *Educational Design Research* (McKenney & Reeves, 2012; Nieveen, 2010) e orientada por uma lógica de comunidade de investigação e de prática (Mayes & Freitas, 2004; Meirinhos & Osório, 2009; Moreira, 2012), de forma a proporcionar interação, partilha e reflexão, necessárias à organização e (re)construção de práticas, com acompanhamento sistemático dos formadores (Dinis et al., 2018).

Em 2017/18 participaram na oficina de formação em HGCA 68 professores dos grupos disciplinares de História e de Geografia, selecionados pelas respetivas Unidades Orgânicas (escolas e agrupamentos de escolas) do SER. Este número corresponde à participação de dois docentes de cada uma das 34 Unidades Orgânicas nas quais se ministra o 3.º ciclo do ensino básico na Região. Esta iniciativa de formação teve a duração de um ano letivo, com início em setembro de 2017 e fim em julho de 2018.

### **3. AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO DOS FORMANDOS RELATIVAMENTE AO AVA**

As oficinas de formação contínua em HGCA foram as primeiras iniciativas intencionalmente concebidas para oferta em regime de *b-learning* pela UAc (Dinis et al., 2018). A reduzida experiência da entidade formadora neste âmbito motivou a análise e o aprofundamento da reflexão sobre a implementação desta oficina, visando a construção de conhecimento que possa ser mobilizado no desenvolvimento de outros AVA.

Com esta motivação, definimos o seguinte objetivo geral: avaliar a satisfação dos formandos relativamente ao AVA que suportou a componente online da oficina de formação de professores de HGCA em 2017/18. Atendeu-se sobretudo à satisfação dos formandos relativamente à usabilidade do AVA, ao seu agrado visual e aos processos de comunicação proporcionados.

A recolha de dados foi realizada através de um questionário online, respondido por 63 formandos. Foram validados 55 destes questionários, tendo o uso dos dados por eles gerados para fins de investigação sido autorizado pelos inquiridos, através de consentimento informado.

O questionário compreendeu sete questões fechadas de resposta obrigatória, versando os seguintes aspetos do AVA: usabilidade – atendendo sobretudo a questões de organização e simplicidade –, agrado visual e adequação dos processos de comunicação – quanto à atualidade da informação e quanto à interação promovida. O questionário incluiu também questões de resposta aberta, que possibilitaram a inserção de comentários sobre todos os aspetos do AVA.

Os resultados obtidos revelam um elevado nível de satisfação dos formandos quanto à usabilidade do AVA. Como ilustra o Gráfico 1, a maioria das respostas situa-se nos níveis de “Excelente” e de “Muito Bom”.

No que diz especificamente respeito à organização do AVA, 33 respostas classificaram essa organização como excelente e 18 como muito boa.

No que concerne especificamente à simplicidade, o AVA foi considerado excelente por 34 formandos e muito bom por 16.

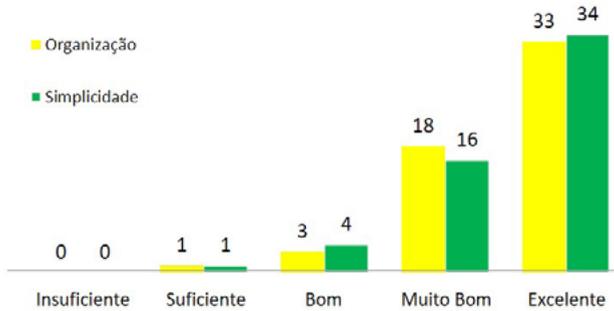


Gráfico 1: Satisfação dos formandos relativamente à usabilidade do AVA

Alguns comentários dos inquiridos reforçam as evidências de que o grau de satisfação dos formandos com a usabilidade do AVA foi elevado, na medida em que caracterizaram o AVA como “bastante simples e intuitivo”, “bem organizado e de fácil utilização”, “fácil de manusear, muito claro, simples e de rápido acesso”. Ainda assim, uma formanda menos satisfeita afirmou: “o AVA não é de fácil utilização; por diversas vezes me senti desorientada; até mesmo para encontrar o questionário que estou a preencher neste preciso momento”. Além disso, alguns inquiridos referiram-se ao facto de a plataforma Moodle não permitir o carregamento de ficheiros cujas dimensões ultrapassem determinados limites. A este propósito, um formando afirmou que um aspeto menos positivo do AVA foi “não comportar trabalhos pesados”.

Relativamente ao agrado visual, verificámos que 29 dos respondentes classificaram o AVA como excelente e 20 como muito bom nesta dimensão (Gráfico 2).

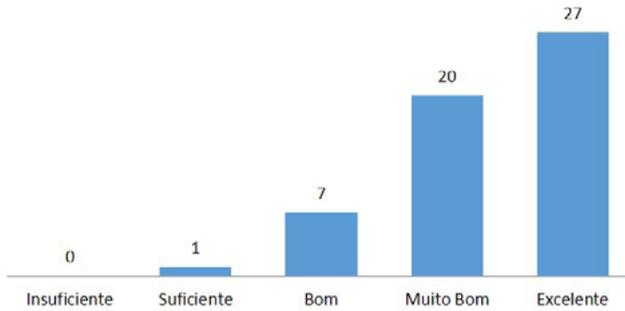


Gráfico 2: Satisfação dos formandos relativamente ao agrado visual do AVA

Eis alguns exemplos de comentários dos formandos no contexto desta questão em particular: “em termos estéticos nada a apontar”, “a apresentação é muito apelativa”, “a estética do AVA é apelativa em termos de cores, imagens e tipo de letra”.

Como já foi referido, os participantes foram também questionados sobre os processos de comunicação proporcionados pelo AVA, sobretudo no que respeita à atualidade da informação e à qualidade da interação. Neste particular, verificámos, mais uma vez, a existência de uma clara satisfação dos formandos. Como ilustra o Gráfico 3, 37 respondentes consideraram excelente a forma como o AVA lhes permitiu 1) manterem-se informados relativamente às atividades em curso, 2) interagirem com colegas e formadores, obtendo atempadamente respostas a questões, dúvidas e solicitações.

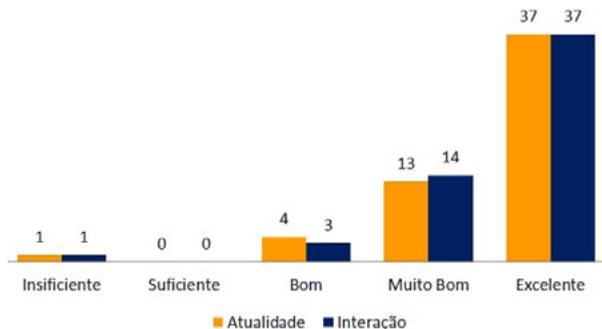


Gráfico 3: Satisfação dos formandos com a adequação dos processos de comunicação no AVA

Na maior parte dos casos, os comentários dos formandos em relação aos processos de comunicação evidenciam reconhecimento de uma comunicação atempada, abrangente e eficaz. Por exemplo, um inquirido afirmou: “o acompanhamento permanente dos formandos em termos de materiais, tempo e necessidades revelou-se crucial na concretização dos objetivos ao longo do processo”. Porém, alguns inquiridos evidenciaram menos satisfação em relação à rapidez do feedback fornecido pelos formadores. A este propósito, um inquirido afirmou: “no início desta formação, senti alguma falta de resposta às minhas dúvidas, por parte dos formadores, sobretudo na pesquisa bibliográfica do tema D2”. Outro inquirido afirmou que “muitos dos materiais pertinentes aos diversos temas a serem utilizados ao longo do ano em sala de aula só ficaram disponíveis nas últimas semanas de avaliação”. Por outro lado, alguns formandos queixaram-se de dificuldade em selecionar a informação relevante para os seus casos em particular em momentos nos quais foram trocadas muitas mensagens em pouco tempo.

#### 4. CONCLUSÕES

Conceber, em pouco tempo, uma oficina de formação contínua de professores focada numa nova área curricular não é uma tarefa fácil. Implementar essa oficina num ano letivo em que os formandos estão a lecionar a referida área pela primeira vez constitui uma dificuldade acrescida. Também não é fácil organizar o trabalho formativo no seio de uma equipa interdisciplinar de formadores, recentemente constituída. É, ainda, difícil, responder eficazmente ao desafio de atender às necessidades formativas de professores dispersos por nove ilhas.

O potencial da Tecnologia Educacional no design de ambientes de formação a distância revelou-se como fator decisivo na resposta a este último desafio. Assim se conseguiu desenhar um AVA eficaz e reconhecido pelos formandos como visualmente agradável, dotado de usabilidade e facilitador de processos de comunicação adequados.

De facto, os resultados obtidos revelam um grau de satisfação bastante elevado em relação ao AVA, em todos os aspetos considerados. Por outro lado, evidenciam algumas necessidades de melhoria na gestão da comunicação, sobretudo no que diz respeito à rapidez do feedback, considerando que alguns formandos se queixaram de alguma demora dos formadores, em alguns momentos, na resposta a questões, dúvidas e solicitações. Outra queixa, de alguns formandos, que merece atenção é a de que, em alguns momentos, a circulação de uma grande quantidade de mensagens

em pouco tempo tornou a comunicação menos clara e eficaz. O facto de muitas dessas mensagens serem, no essencial, relevantes apenas para os respetivos destinatários diretos leva-nos a sugerir que, em situações futuras, uma diferenciação dos destinatários das mensagens que não sejam fundamentais para todo o grupo de formandos será provavelmente mais favorável a uma gestão equilibrada da comunicação pedagógica gerada a partir do AVA.

Globalmente, os resultados são encorajadores, considerando a importância que a formação a distância pode assumir uma região arquipelágica.

## REFERÊNCIAS

- Alonso, L. & Sousa, F. (2013). A emergência de uma política curricular nos Açores: Sentidos e interrogações. In A. Estrela et al. (Eds.), *Revisitar os Estudos Curriculares: Onde estamos e para onde vamos? Atas do XIX Colóquio da AFIRSE* (pp. 456-466). Lisboa: Secção Portuguesa da AFIRSE.
- Cação, R. & Dias, P. (2003). *Introdução ao e-learning*. Porto: SPI.
- Decreto Legislativo Regional n.º 15/2001/A, de 4 de agosto, Região Autónoma dos Açores.
- Decreto Legislativo Regional n.º 35/2006/A, de 6 de setembro, Região Autónoma dos Açores.
- Decreto Legislativo Regional n.º 2/2014/A, de 29 de janeiro, Região Autónoma dos Açores.
- Despacho n.º 1311/2014, de 30 de julho, Região Autónoma dos Açores.
- Dinis, R., Porteiro, J., Costa, S. & Gregório, R. (2018). Teacher education in B-Learning at the University of the Azores: reflection on the experience in the field of history, geography and culture of the Azores (Portugal). *Brazilian Journal of Education, Technology and Society*, 11(4), 594-612. Retirado de <http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/view/517>
- Mayes, T. & Freitas, S. (2004). *Review of e-learning theories, frameworks and models*. Londres: Joint Information Systems Committee.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2009). Las comunidades virtuales de aprendizaje: el papel central de la colaboración. *Pixel-Bit - Revista de Medios y Educación*, 35(4), 45-60. Retirado de <http://hdl.handle.net/10198/2595>

- Moreira, J. A. (2012). Novos cenários e modelos de aprendizagem construtivistas em plataformas digitais. In A. Monteiro; J. A. Moreira & A. C. Almeida (Orgs.), *Educação online: Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais* (pp. 27-44). Santo Tirso: De Facto Editores.
- McKenney, S. & Reeves, T. (2012). *Conducting Educational Design Research*. Londres: Routledge.
- Nieveen, N. (2010). Formative evaluation in educational design research. In T. Plomp & N. Nieveen (Eds.), *An introduction to educational design research* (pp. 89-101). Enschede: SLO.
- Sousa, F. (2007). Curriculum making on the edge of Europe in the age of globalization: two alternative scenarios. *Transnational Curriculum Inquiry*, 4(2), 1-10. Retirado de <https://ojs.library.ubc.ca/index.php/tci/article/view/33>
- Sousa, F. (2014). Nuances in the embedment of ESDGC in the Azorean curriculum. In M. Thomas (Ed.), *A child's world: contemporary issues in education* (pp. 268-287). Aberystwyth: CAA, Aberystwyth University.
- SREC. (2016). *Programa de História, Geografia e Cultura dos Açores - 2.º ciclo*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- SREC. (2017). *Orientações curriculares para História, Geografia e Cultura dos Açores - 3.º ciclo*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Citação:

Dinis, R. & Sousa, F. (2019). Nove ilhas, sessenta e oito professores: desafios na conceção e gestão de uma oficina de formação em b-learning. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 96-105). Braga: CECS.